

MARÉ DE NOTÍCIAS



MARIELLE PRESENTE, HOJE E SEMPRE!

O assassinato de um símbolo da luta contra a desigualdade e o racismo
PÁGINAS 8 E 9

Barcas na Baía podem mudar o trânsito carioca

PÁGINA 3

As águas de março atingem a Maré em cheio

PÁGINA 5

Poesia no ônibus, no trem, no metrô, com a palavra os poetas favelados

PÁGINA 11

Fique por dentro da sua Associação de Moradores

PÁGINA 16

DOUGLAS LOPES



Parque abandonado

O Parque Ecológico é lindo, mas o cenário é desanimador: lixo, grades que nunca foram trocadas e aparelhos de recreação deteriorados. A única área verde de todo o Conjunto de Favelas da Maré, com 50 mil metros quadrados sofre com o abandono. **PÁGINA 4**

Conjuntivite ataca

A Secretaria Municipal de Saúde admite que há um momento de surto, pois estão acontecendo casos em diferentes pontos da cidade, assim como em diversos outros municípios. Mas não existem números oficiais. A Conjuntivite não faz parte da Lista Nacional de Notificação Compulsória.

PÁGINA 13



ELISÂNGELA LEITE

EDITORIAL

Olá, leitoras e leitores! Esse Maré de Notícias, de nº 87, reflete a tristeza que tomou conta da Maré com o brutal assassinato da vereadora do PSOL-RJ, Marielle Franco e de seu motorista, Anderson Gomes. Menina da Maré, lutadora, consciente, era uma promissora liderança política jovem. Quinta vereadora mais votada das últimas eleições, com mais de 46 mil votos, Marielle defendia negros, pobres, favelados, LGBTs e os Direitos Humanos. E para que seus projetos não sejam esquecidos, vamos falar sobre as ideias que ela defendia. A Maré fez uma linda homenagem, uma Marcha, no domingo, 18 de março, que reuniu mais de cinco mil pessoas. A intervenção federal ganha cada vez mais opositores e vive um momento de indefinições, ainda sem apresentar um plano de ação, o que só aumenta a tensão e o temor de comunidades como a Maré. Nessa Edição, informações sobre o Plano de Redução de Danos, uma proposta desenvolvida com a participação de moradores da Maré para proteger a população durante as operações policiais. O transporte de barcas pela Baía de Guanabara é considerado um projeto capaz de melhorar o trânsito na cidade como um todo. Então, por que ainda está em discussão e apenas algumas linhas foram criadas? A Maré tem muito a ganhar se o projeto sair do papel. Nos três primeiros meses de 2018 choveu muito na cidade do Rio de Janeiro, gerando o saldo de sempre: inundações, desabamentos, desabrigados e, infelizmente, vítimas fatais, inclusive na Maré. O que é preciso fazer para que a Maré não fique apreensiva a cada temporal? Ainda no capítulo 'problemas da cidade', um surto de conjuntivite, que atacou gente de todas as regiões e fez muitas vítimas na Maré. O Parque Ecológico é uma bela reserva, que poderia se transformar num dos principais pontos de lazer da Maré, mas está abandonado e sem manutenção. Uma pena! Mas nem tudo está perdido. Pantera Negra é o super-herói negro que faz sucesso no mundo todo e abre os horizontes do cinema americano. Já é considerado um marco na indústria cinematográfica. Nos anos 1960, antes mesmo de a revista em quadrinhos que deu origem ao personagem, Pantera Negra era o nome de um Partido formado por negros nos EUA, que pregava uma revolução e fez o governo americano tremer. Poesia em movimento, os Ataques Poéticos do grupo Poetas Favelados do Alemão se apresenta em ônibus, trens e metrô levando poesia, muitas vezes pela primeira vez, para um público que, se de início estranha, acaba por embarcar literalmente nos versos e viajar. Essa Edição traz ainda informações sobre as associações de bairro das 16 favelas da Maré e dicas culturais para quem quer curtir e se divertir perto de casa. Boa leitura.

Siga a **redes da maré**
nas Redes Sociais

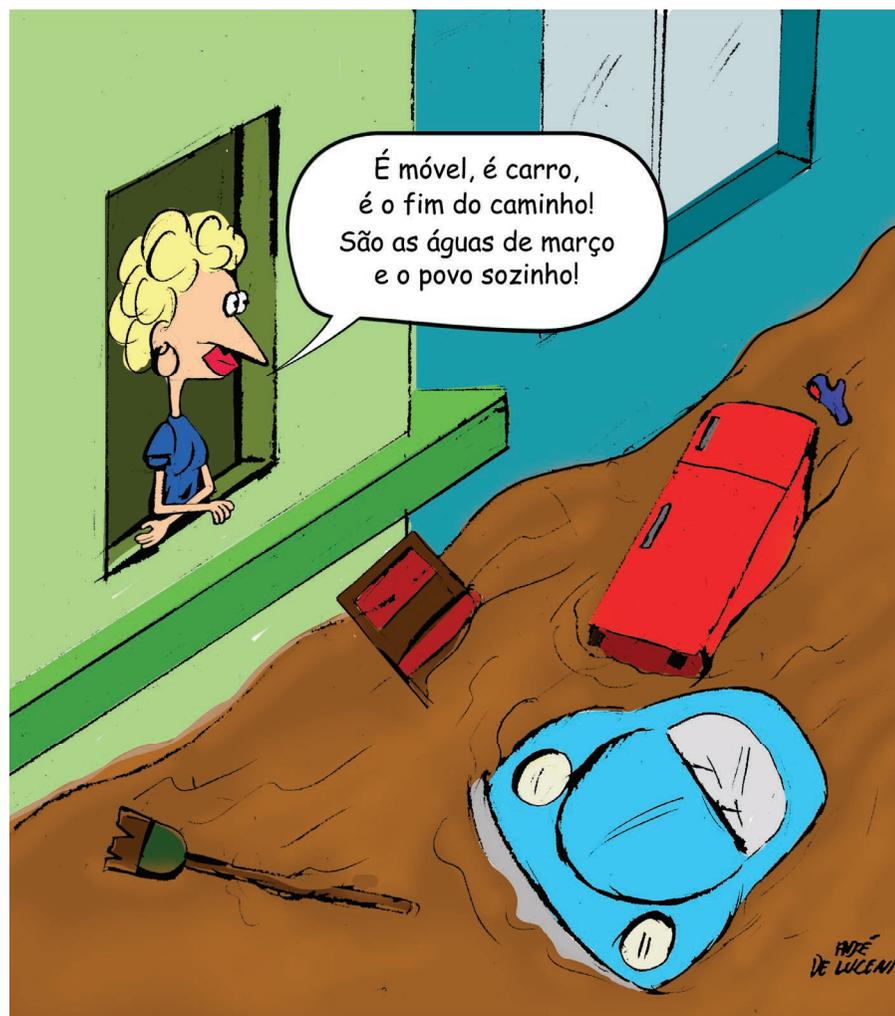
 www.facebook.com/redesdamare

 www.instagram.com/redesdamare

 www.twitter.com/redesdamare

e fique por dentro das novidades!

HUMOR - ÁGUAS DE MARÇO



EXPEDIENTE

REALIZAÇÃO:

redes da maré

R. Sargento Silva Nunes, 1012
Nova Holanda - Maré
Rio de Janeiro - RJ - CEP: 21044-242
Telefone: (21) 3105-5531 / 3104.3276
comunicacao@redesdamare.org.br

PARCERIA:

actionaid

UMA INICIATIVA:

Redes de Desenvolvimento da Maré

DIRETORIA:

Alberto Aleixo
Andréia Martins
Eliana Sousa Silva
Edson Diniz Nóbrega Júnior
Helena Edir

APOIO:

16 Associações de Moradores da Maré
Observatório de Favelas
Conexão G
Luta pela Paz
Vida Real

EDITOR EXECUTIVO E JORNALISTA RESPONSÁVEL
Jorge Melo
(Mtb 38915/RJ)

COORDENADORA DE COMUNICAÇÃO
Daniele Moura
(Mtb - 24422 /RJ)

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO
Hélio Euclides
(Mtb 29919/RJ)
Maria Morganti
(Mtb - 39043/RJ)
Felipe Rebouças
(Estagiário)

FOTÓGRAFOS
Elisângela Leite
Douglas Lopes

REVISORA:
Elizete Munhoz

PROJETO GRÁFICO
Mórua, Oficina de ideias

DIAGRAMAÇÃO
Filipe Almeida

IMPRESSÃO
Folha Dirigida

TIRAGEM
50 mil exemplares.
OS ARTIGOS ASSINADOS NÃO REPRESENTAM A OPINIÃO DO JORNAL.

PERMITIDA A REPRODUÇÃO DOS TEXTOS, DESDE QUE CITADA A FONTE.

GARANTA SEU JORNAL!

O **MARÉ DE NOTÍCIAS** chega todo mês na Associação de Moradores da sua comunidade. É só ir buscar. É gratuito. Leia também o jornal no nosso site: www.redesdamare.org.br

 /redesdamare

 /redesdamare

 @redesdamare

A alternativa pela Baía

Com o trajeto de barco menos carros, menos poluição e mais acesso ao Fundão

HÉLIO EUCLIDES

Nos dias de hoje, o simples ato de sair de casa já nos causa desânimo. Os congestionamentos são os principais responsáveis por fazer o carioca perder tempo. Buscando uma alternativa para o caos no trânsito, a Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (FIRJAN) realizou um estudo que mostra as barcas como o meio de transporte ideal para desafogar as vias da Região Metropolitana. O estudo indica ainda que existe demanda suficiente e, portanto, viabilidade, para a criação de 14 novas linhas hidroviárias na Baía de Guanabara e nas lagoas da Barra da Tijuca.

A Maré seria beneficiada por uma linha ligando a Cidade Universitária à Praça XV. “No Fundão ainda vai ocorrer o estudo de viabilidade ambiental e econômica, para a escolha do lugar da estação. Há dois locais possíveis: o Parque Tecnológico e próximo ao BRT. No Parque Tecnológico, o custo seria maior, por causa da logística”, avalia o ambientalista **Sergio Ricardo**.

Na conclusão do estudo, o local indicado para a estação ficaria próximo ao terminal de pescadores. “Seria uma boa as barcas, algo mais viável para o município. O local ideal entendo ser aqui junto ao BRT e da futura rodoviária do Fundão. Só que não acredito no projeto, pois as empresas de ônibus não vão deixar ter novas linhas de barcas”, acredita o pescador profissional, **Carlos Augusto**.

Mesmo com o assoreamento da Baía, o ambientalista Sergio Ricardo avalia como positivo o projeto: “a FIRJAN consolidou novas linhas do sistema aquaviário, o que representaria 10 mil veículos a menos nas ruas. Sabemos que em alguns pontos será necessária a drenagem. O ideal será a utilização de embarcações menores, de 120 lugares”.

O primeiro plano hidroviário da Baía aconteceu em 1984, com três linhas saindo da Praça XV. Uma seguiria até São Gonçalo, outra até Magé e a única que saiu do papel foi a de Cocotá, na

ELISÂNGELA LEITE



O transporte de passageiros pela Baía de Guanabara pode ser a solução para os problemas do trânsito do Rio de Janeiro

Ilha do Governador. Segundo Sergio Ricardo, “no momento só temos transporte pela Baía para a Ilha Grande, Cocotá, Paquetá e Niterói, é muito pouco”.

Projeto já está aprovado

A Assembleia Legislativa aprovou a lei de novas linhas de barcas, em maio do ano passado, e há promessa de uma licitação. A princípio, teria uma linha ligando o Armazém 18, no porto, a Duque de Caxias; isso pode favorecer tanto Magé, como o Fundão”, avalia Sergio. Essa nova linha deve ser licitada com outras duas: Praça XV–São Gonçalo e Praça XV–Galeão.

O analista de Estudos de Infraestrutura do Sistema FIRJAN, **Isaque Ouverney**, explica que a Instituição encomendou o estudo preocupada com a mobilidade urbana, que atinge a indústria e as pessoas envolvidas. No estudo, foi analisado o transporte de passageiros. O Plano mostra que todos os modais são complementares e que são necessários investimentos urbanos para esses

corredores que vão transportar muitas pessoas. É importante o uso da Baía, para que o carioca busque comodidade e conforto”.

Na linha específica do Fundão, houve outro estudo em 2014. O resultado foi que 30% das viagens da Ilha do Fundão vão para o Centro ou a Zona Sul. Com esse trabalho, foi revelada a possibilidade do uso das barcas por meio da demanda de passageiros. Esse estudo também mostra que a linha específica Praça XV–Ilha do Fundão/Galeão equivale a 10.640 viagens/dia e 3.941 veículos fora de circulação/dia, ou seja, 3,3 km de vias desocupadas por dia, com potencial de redução dos congestionamentos em 18,7% nos horários de pico.

A moradora da Vila do Pinheiro e funcionária da UFRJ, **Elza Carvalho**, acredita que “esse meio de transporte contribui muito para a cidade. No geral, o trânsito é muito tenso e com as barcas agiliza a vida, proporciona um tempo maior para outras coisas que ficar no engarrafamento”.

Meio ambiente é coisa de rico?

Única área verde do Conjunto, o Parque Ecológico da Maré sofre com descaso



DOUGLAS LOPES

O Parque Ecológico, uma área de 50 mil m², que poderia ser um oásis para o conjunto de favelas da Maré, está abandonado pelo poder público

MARIA MORGANTI

O cenário é desanimador no Parque Ecológico da Maré, conhecido também como Parque Ecológico do Pinheiro: lixo, grades que nunca foram trocadas, além de aparelhos de recreação deteriorados. Única área verde do Conjunto de 16 favelas, o Parque tem 50 mil m². O anfiteatro está totalmente danificado, na área de lazer os brinquedos estão enferrujados. As duas quadras esportivas são mantidas pelos próprios moradores. E a horta, que faz parte do projeto *Horta Carioca*, que entrega parte da colheita para as escolas e creches municipais próximas, sofre com falta de água há cerca de 4 anos.

Descaso na Limpeza

Segundo a presidente da Associação de Moradores do Parque, **Cláudia Santana**, a última limpeza realizada no local pela Comlurb foi em agosto de 2017. No dia em que a equipe de reportagem do Maré de Notícias foi até o local, a Companhia estava aparando o mato. “O último

mutirão foi no dia 5 de agosto de 2017. Em novembro de 2017, eu comecei a pedir à Comlurb uma nova limpeza. Eles mandaram dois funcionários, que só cortaram os matos nos arredores da sede da Associação de Moradores, e foram embora”, relata Cláudia.

Cláudia conta que à época da ocupação do Exército na Maré, em 2014, os caveirões destruíram parte das encostas do Parque: “o Comandante chamou a gente dizendo que ia reformar o Parque e, realmente, teve replantio; a Fundação Parques e Jardins doou mudas, a empresa LAMSA doou brinquedos. Mas a subida quem refez foram os próprios soldados, na primeira chuva a terra cedeu. Uma maquiagem mal-feita”. Quando chove, desce aquela terra toda, fica um lamaço na rua, que entope os ralos pluviais. Muitos mototaxistas, senhoras, pessoas de idade caem. Essa é nossa prioridade hoje”.

Mais luz, por favor

A principal demanda é a iluminação do Parque, que fica aberto 24 horas. “A Prefeitura falou que era uma verba muito alta para revitalizar o Parque, colocar gradeamento e iluminação. Quer dizer, eles investem lá fora, mas dentro das comunidades não tem como investir. Primeiro eles cuidam lá fora, o último é a comunidade”.

O Parque Ecológico da Maré não é o único a sofrer com a falta de cuidado do poder público. Segundo o geógrafo da UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro, **Eric Ferreira da Guia**, os moradores de favela são os mais prejudicados com esse descaso. “Mais de 40% da população da cidade e metade das que vivem em favelas, convivem com a pior qualidade do ar e dos rios, com mais indústrias poluidoras e menos áreas verdes”.

Serra da Misericórdia

A Serra da Misericórdia é o último fragmento de Mata Atlântica da Zona Norte. Com 43,9 Km², é um símbolo do poder público com

a questão ambiental quando se trata de áreas periféricas da cidade. Cortando 27 bairros, como Inhaúma, Encantado e Vila Kosmos, e favelas como os Complexos do Alemão e da Penha, o maciço rochoso poderia ser um oásis, mas não é.

A ONG Verdejar Socioambiental [www.verdejar.org] atua na área desde 2009, realizando inúmeras iniciativas como replantios e caminhadas ecológicas, para proteger o espaço dos danos causados pelas pedreiras, principais ameaças à Serra.

Com o objetivo de mapear projetos em favelas voltados para a sustentabilidade, a ONG ComCat – Comunidades Catalisadoras [www.comcat.org] lançou, em dezembro do ano passado, o *Mapa Rede Favela Sustentável*, que reúne iniciativas e propostas comunitárias da Região Metropolitana do Rio, e continua aberto para a inclusão de novos projetos. O Mapa será atualizado anualmente, como afirmou **Roseli Franco**, diretora institucional da ComCat.

Águas de março fechando o verão...

Chuvas da estação mais quente do ano alagam muitos pontos da Maré

HÉLIO EUCLIDES

Fevereiro e março foram meses de muita chuva, superando a média do ano. Tradicionalmente, as chuvas desse período sempre trazem preocupação para os cariocas. Na madrugada de 15 de fevereiro, um morador da Maré morreu durante o temporal que atingiu o Rio de Janeiro. A chuva foi a maior da história da cidade, num período de uma hora e teve muitos raios. A tempestade causou falta de energia, alagamentos e derrubou diversas árvores na Maré.

Quando se fala do escoamento das águas da chuva, muitos acham que a coleta é feita pelos bueiros redondos no meio das ruas. Contudo, esses são de esgoto domiciliar. A coleta da água da chuva é feita pelas bocas de lobo [bueiro retangular de água pluvial], que levam tudo para a Baía de Guanabara. Quando elas entopem, acontecem os alagamentos. “A Prefeitura precisa ver os bueiros retangulares e valões, pois tem morador perdendo móveis quando chove”, resume **Vilmar Gomes**, o Magá, presidente da Associação de Moradores do Rubens Vaz.

Em Marcílio Dias, moradores de três ruas têm problemas crônicos. O Beco Jardim América, “quando chove, fica alagado e a água se mistura com o esgoto que vaza de tubulação saturada, e nada dá vazão”, diz o morador **José Correa**. Na Travessa 21 de Abril e na Travessa Bom Jesus, segundo os moradores, é preciso trocar a canalização das águas pluviais. “Aqui ocorre enchente, perdi estante, *rack* e guarda-roupa. Tenho medo da chuva, pois já sofremos com o esgoto entupido”, afirma **Lucilene Maurício**.

Na Vila do Pinheiro, a quadra da Via B/3 sofre há 11 anos com alagamentos. Outro lugar é o Conjunto Pinheiro, entre os prédios e a localidade conhecida como Marrocos. A situação é difícil também na Rua Ivanildo Alves e na Praça do 18, que sempre enche e que, na chuva de fevereiro, registrou uma vítima fatal. O lixo é o vilão dos ala-



Chuva forte é sempre motivo de preocupação para os moradores da Maré que temem as enchentes

gamentos, “a Rua Ivanildo Alves sofre com o estigma de ser suja e, frequentemente, é o local de descarte de lixo. Um espaço que padece com a violência e era necessária uma ressignificação. É preciso uma articulação, somada a uma dinâmica dos serviços públicos”, comenta a bióloga **Julia Rossi**.

Lixo na rua, sinal de enchentes

Quando se fala de águas pluviais vem a questão do lixo, que jogado no chão aumenta o impacto das enchentes. Em Marcílio Dias, a Associação retirou de dois becos 20 carrinhos de lixo de toda espécie. Para **Samanta Gleicy**, moradora do Beco Jardim América, a solução dos alagamentos depende dos dois lados, poder público e população. “Quando chove, quase tem de sair nadando, não dispense botas. Tem que trocar os canos e asfaltar. Mas o morador não pode colocar lixo na rua, canso de falar isso, e perco até amigos”, critica.

A Comlurb informa que os serviços na Maré incluem coleta domiciliar diária, varredura diária das vias princi-

pais, roçada, capina, poda das árvores, controle de vetores e limpeza e conservação dos mobiliários urbanos e praças. A empresa pede aos moradores que utilizem os equipamentos de limpeza instalados na comunidade e colaborem, respeitando os dias e horário da coleta, evitando descartar lixo em local indevido. Quem tem entulho de obras e móveis velhos, deve solicitar o Serviço Gratuito de Remoção de Entulho, pelo telefone 1746 e site.

O superintendente de Ramos, Hildebrando Gonçalves Rodrigues, o *Del*, diz que o prefeito autorizou a Rio Águas e a Secretaria Municipal de Conservação a agirem nos pontos mais crônicos, como a Rua da Conquista, na Nova Holanda, onde está sendo construída uma rede de drenagem interligada à Rua Principal. Segundo ele, nas Via B/3 e Via A/1, na Vila do Pinheiro, já começaram trabalhos de dragagem e limpezas dos canais. Uma boa notícia é o retorno do projeto *Guardiões dos rios*, que retira lixo dos valões. Nesta mesma linha, está previsto um projeto-piloto de contenção no valão do Salsa e Merengue.

Intervenção Federal: o tempo passa e a tensão aumenta

Passado mais de um mês da assinatura do inédito decreto, entenda o que é e relembre um pouco o que já aconteceu

MARIA MORGANTI

No dia 16 de fevereiro, os moradores da Maré, que assistiam TV ou estavam ouvindo notícias no rádio, e ficaram sabendo do decreto de intervenção federal, assinado pelo presidente Michel Temer, devem ter se lembrado do período no qual as Forças Armadas ocuparam o conjunto de favelas, entre abril de 2014 e junho de 2015, a imagem dos tanques de guerra e das roupas camufladas. Mas aquele anúncio, da sexta-feira após o Carnaval, feito na hora do almoço, vai muito mais além das nossas memórias.

A intervenção federal deste ano é a primeira, desde a Constituição de 1988. Quem tem menos de 30 anos, nunca viu nada parecido. Diferentemente do período pré-Copa do Mundo e Olimpíadas, em que os homens das Forças Armadas estavam na Maré para realizar a “Operação São Francisco”, regulada pelo dispositivo da Garantia da Lei e da Ordem (GLO), agora a intervenção federal transfere os poderes do governador, relacionados à Segurança pública, para o interventor.

Garantia da Lei e da Ordem - GLO

Em geral, uma GLO autoriza apenas uma atuação pontual, de mais ou menos tempo, de ajuda das Forças Armadas à Segurança pública de uma cidade ou Estado. Um morador que preferiu ter a identidade preservada diz que a pre-

sença do Exército em 2014 não resolveu nada. “A única coisa é que não andavam armados pela rua, mas todo dia davam tiros, todo dia tinha uma confusão. E depois que eles foram embora tudo voltou a ser como era antes”, contou.

A intervenção federal é autorizada pelo Congresso Nacional (Câmara e Senado Federal,) o que aconteceu em menos de cinco dias; transfere os poderes ao interventor e dá total autonomia sobre as Polícias Civil, Militar, Corpo de Bombeiros e a Secretaria de Administração Penitenciária. O indicado pelo presidente foi o Comandante Militar do Leste, general Walter Souza Braga Netto.

Assim como em 2014, a intervenção federal tem data para acabar. A previsão é 31 de dezembro, quando as polícias e o próprio governador poderão recuperar a autonomia.

Laboratório do medo

A população das favelas teme a intervenção. E existe uma razão. Desde o ano passado, está em vigor uma lei que transfere à Justiça Militar o julgamento de crimes cometidos por militares das Forças Armadas em missões como essa da Vila Kennedy, que é considerada pelo interventor como um *laboratório*.

No dia 23 de fevereiro, fuzileiros navais tiraram fotos de moradores ao lado das carteiras de identidade, uma espécie de *fichamento preventivo*, já que nenhum dos fotografados havia co-



A Intervenção Federal faz os moradores da Maré se lembrarem da ocupação do Exército

metido qualquer ilícito. Os *posts* sobre a ação *viralizaram* nas redes sociais e provocaram revolta em coletivos de favela como o *Papo Reto*, do Complexo do Alemão, que se manifestou no Facebook: “como nos pontos nazistas de controle de corpos, o Rio de Janeiro vira palco nacional da desigualdade racial, de classe, e todos os preconceitos que possam existir. Quero ver fazer um *checkpoint* [ponto de verificação] no túnel da Zona Sul ou da Barra, aí não peita! Só quer esculachar o pobre”.

Em discurso na 37ª Sessão do Conselho de Direitos Humanos da ONU- Organização das Nações Unidas, em Genebra, na Suíça, no dia 7 de março, o alto comissário para Direitos Humanos, **Zeid Ra'ad Al Hussein** fez um alerta. “No Brasil, eu estou preocupado com a recente adoção de um decreto que dá às Forças Armadas autoridade

para combater o crime no Estado do Rio de Janeiro e coloca a polícia sob o comando do Exército”.

Segundo o historiador **Carlos Fico**, professor do IFCS, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, da UFRJ, “o balanço da intervenção até agora é ‘muito ruim’, além de inconstitucional”. Ele afirma que a Constituição diz que a União não deve interferir nos Estados, exceto em casos de “grave comprometimento da ordem pública”. Carlos explica que não tinha acontecido nada excepcional, como transportes paralisados, falta de energia e, sim, a continuidade de problemas crônicos. “Por isso que eu digo que além de inconstitucional, a intervenção é irresponsável, principalmente por não ter havido um planejamento que previsse ações de represália das organizações criminosas em resposta à intervenção”, concluiu.

Maré tem plano de redução de danos

O objetivo é reduzir a mortalidade da população

JORGE MELO

Mortos, feridos, serviços públicos paralisados, comércio fechado, violações de direitos. Esse é o saldo das intervenções policiais e dos conflitos armados na Maré, em 2017. Segundo dados do Boletim Direito à Segurança Pública na Maré (*), foram 42 mortos e 57 feridos, 41 em operações policiais e 16 vítimas de confrontos entre grupos civis armados. Em virtude das operações, os postos de saúde ficaram 45 dias fechados e as escolas 35, o que equivale a 17% dos dias letivos sem aulas.

A pesquisadora **Fernanda Mendes Lages Ribeiro**, do Departamento de Estudos sobre Violência e Saúde Jorge Careli, da Fiocruz, faz um alerta: “apesar da frequência deste fato, ele não pode ser banalizado como algo que faz parte da vida em determinados locais da cidade, como Maré e Alemão. Certamente, pode-se esperar efeitos nefastos em salas de aula, expressos individual e coletivamente pelas crianças e adolescentes, que podem vir a desenvolver problemas de comportamento e sofrimento psíquico”

Segundo dados do ISP - Instituto de Segurança Pública, as polícias Civil

e Militar do Estado do Rio de Janeiro foram responsáveis por 1.124 homicídios decorrentes de intervenção policial em 2017, seguindo a tendência de aumento do número de mortes em operações policiais iniciadas em 2014.

Segundo **Jurema Werneck**, diretora executiva da Anistia Internacional no Brasil, “os números mostram que a insistência na estratégia de operações de 'caça' ao tráfico varejista de drogas ilícitas não reduz a violência e, ainda por cima, faz com que tenhamos a polícia que mais mata e mais morre do Brasil”.

O Plano de Redução de Danos

O primeiro semestre de 2017 foi particularmente doloroso para a Maré. A violência foi três vezes maior que no segundo semestre. Uma das operações policiais durou mais de 10 horas e fez com que o coletivo Maré que Queremos, juntamente com a Redes da Maré e outras instituições, fossem até o Plantão Judiciário do Tribunal de Justiça do Rio pedindo o fim daquela operação. Essa ação foi acolhida pela Defensoria Pública e resultou numa Ação Civil Pública, que determinou algumas exigências para a realização de operações policiais na Maré, como viaturas com GPS e câmera, acompanhadas de ambulâncias e também a elaboração de um *Plano de Redução de Danos e Riscos* das incursões policiais na Maré pela Secretaria de Segurança Pública do Rio.

Como a Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio anunciou a incapacidade de fazer o Plano, o Coletivo *Fórum Basta de Violência*, outra Maré é possível elaborou uma proposta de *Plano de Redução de Danos às Violências na Maré*, que foi resultado de debates realizados ao longo de 2017, por moradores da

Maré, instituições governamentais e não governamentais e lideranças comunitárias. O objetivo era responder a uma pergunta: “o que o Estado pode fazer para diminuir a violência na Maré?”

Como resposta a essa pergunta foram desenvolvidas 20 propostas, a partir de cinco metas:

- 1- Reduzir o número de mortes violentas durante as operações policiais.
- 2- Reduzir situações de violações de direitos fundamentais e abuso de autoridades policiais.
- 3- Reduzir a violência a grupos vulneráveis (jovens, negros, crianças, adolescentes, mulheres, idosos e LGBTs).
- 4- Garantir o funcionamento pleno de instituições governamentais e não governamentais que atuam no território da Maré.
- 5- Ampliar a participação popular no planejamento da Segurança Pública.

O Plano também sugere:

- ✓ Aprimorar o sistema de controle sobre a fabricação e circulação de armas e munições no território brasileiro.
- ✓ Qualificar a formação policial.
- ✓ Qualificar e fortalecer o processo de investigação dos casos de homicídios decorrentes de ação policial.
- ✓ Instalar um núcleo permanente de atendimento do Ministério Público na Maré.

(*) Os dados do boletim da ONG Redes da Maré foram publicados em fevereiro de 2018 - www.redesdamare.org.br

ELISÂNGELA LEITE



O Plano foi resultado de debates realizados ao longo de 2017

Marielle, presente. Hoje e sempre!

Vereadora nascida e criada na Maré é executada no Rio. O crime repercutiu no Rio, no Brasil e no Mundo

MARIA MORGANTI

Quarta-feira, 14 de março: um calor escaldante, o termômetro bateu 33 °C, mas a sensação térmica era infinitamente maior. Depois do expediente na Praça Floriano, s/nº, no prédio anexo, a quinta vereadora mais votada do Rio de Janeiro seguiu para um evento organizado por sua própria equipe, na Lapa, com jovens negras, para debater o movimento das estruturas contra o racismo. Às 21h04, embarcou com uma assessora e o motorista, Anderson Pedro, em um Chevrolet Agile branco.

Marielle Francisco da Silva foi sentada no lado direito, do banco de trás, seguindo pelos cerca de 3 quilômetros que separam o Bairro da Lapa do Estácio. Mãe de Luyara Santos, irmã de Anielle Silva e filha de Marinete da Silva e Antonio Francisco da Silva, o responsável por uma de suas autodenominações preferidas: “cria da maré”. Aqui, Marielle morou na adolescência até os 15 anos, no Conjunto Esperança, na altura do Palace, no Morro do Timbau; e na Baixa do Sapateiro. Seu avô paterno foi um dos primeiros moradores do conjunto de favelas da Maré, “Seu Francisco”, da Baixa do Sapateiro, que com a sua vendinha é homenageado no Museu da Maré.

Foi aluna, professora e chegou a ser coordenadora do curso pré-vestibular comunitário que deu origem a Redes de Desenvolvimento da Maré. Entre idas e vindas das aulas, por causa da maternidade, aos 19 anos,



Marielle Franco era presença constante nas comunidades e participou da inauguração da Casa das Mulheres da Maré

Marielle chegou a ser aprovada para a primeira fase da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), mas foi na Pontifícia Universidade Católica (PUC) que formou-se em Sociologia, em cinco anos. Sempre conciliando a maternidade com o expediente, chegou a trabalhar na Viva Rio, *Brazil Foundation*, além de bicos em festas. Depois fez pós-graduação na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e mestrado na Universidade Federal Fluminense (UFF), em Administração Pública.

Quem viu a socióloga ser eleita em 2016, com o número de votos que ela sabia de cor, 46.502, não consegue imaginar que para ela, nos primeiros 100 dias de mandato, o lugar ainda não era “uma zona de conforto”. “Eu não estou no viaduto de Madureira, não estou na favela chamando a galera,

não é isso. Tem todo um aparato da linguagem, da disputa linguística, da narrativa, do decoro. Se deixar, você passa a mudar o tom de voz, a forma”, contou em maio de 2017.

E para quem entrou na política institucional só por causa do contato com o então professor de História da irmã, que falava sobre a vida na favela, e esperava no máximo 27 mil votos, Marielle sacudiu o Rio. Com menos de 100 dias de tribuna já tinha apresentado dois projetos de lei. Ao todo foram 16. Todos voltados para seu foco de mandato: mulheres negras e pobres, como o “Projeto de Lei das Casas de Parto” em lugares com menor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), aprovado em outubro do ano passado.

No entanto, apesar de causas voltadas para esse grupo social, maioria es-

magadora de moradoras de periferia, foi na Zona Sul que a novata no Palácio Pedro Ernesto conquistou o número mais expressivo de votos: a maioria no Cosme Velho e Laranjeiras, seguido por bairros como Botafogo, Flamengo, Gávea e Leblon. Na Maré, Bonsucesso e Ramos recebeu tímidos 1.688 votos. Mas em todas as urnas do município teve pelo menos um voto para Marielle Franco.

A homenagem da Maré

Para responder uma pergunta sobre ambições políticas, Marielle disse, em 25 de maio de 2017, “hoje sei que cumpro um papel político que é mais amplo que eu, que é de um grupo de mulheres que se identificam, que é de um grupo de favelados e faveladas que se identificam. Sem querer ser retórica e poética. É objetivo”. Pouco mais de

10 meses depois, um carro parou ao lado do que estava Marielle e disparou 13 tiros. Quatro deles foram na sua cabeça. O motorista, Anderson Pedro, também foi atingido e morreu. Pouco antes das 22h, um site já anunciava a tragédia. O texto foi compartilhado nos grupos de aplicativos de mensagem. A esperança de que fosse uma *fake news* se esvaiu quando da declaração oficial, menos de uma hora depois. Um temporal caiu e ninguém conseguiu dormir.

No dia seguinte, às 11h, centenas de pessoas se reuniram na Cinelândia. A maioria vestia preto e debaixo do sol quente se abraçava, chorando, com um silêncio aterrador. Na tarde do mesmo dia, os corpos de Marielle e Anderson foram velados na Câmara de Vereadores, em cerimônia fechada para os familiares. O enterro foi no Cemitério do Caju, em seguida. Na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro outra manifestação, que seguiu com uma passeata com destino à Cinelândia.

No domingo seguinte, 18 de março, moradores, ativistas e Organizações Não Governamentais (ONGs) da Maré fizeram outro ato em homenagem a Marielle e a Anderson. Nesse dia, a im-

pressão era que a tristeza estava dando lugar para a revolta e energia para a ação.

A comoção pelo mundo

Os protestos em repúdio ao atentado contra a vida de Marielle causaram comoção em todos os cantos do Brasil e do mundo. A Coordenação Nacional de Entidades Negras de Minas Gerais, entre outras 19 organizações e movimentos mineiros, afirmou por meio de Nota que, “Belo Horizonte se junta, nesse momento de dor e indignação, a todas as comunidades do Conjunto de Favelas da Maré e ao Rio de Janeiro, para expressar solidariedade às pessoas queridas do convívio de Marielle Franco e seu motorista Anderson Gomes”. Uma das cantoras mais famosas do mundo, Katy Perry, em show no Rio de Janeiro, no domingo, 18 de março, também fez uma homenagem à vereadora, com a presença no palco de suas familiares, Anielle e Luyara.

A Polícia Militar manteve-se distante do caso, inclusive dos atos públicos, que foram tranquilos e ordeiros, mas o Coronel da Polícia do Rio de Janeiro, Robson Rodrigues, homenageou Marielle em um *post* no Facebook: “ela defendia muito mais nossos policiais do que nós fomos capazes de compreendê-lo e de fazê-lo”.

Enquanto as ruas exibem cartazes com escritos como “Quem matou Marielle e por quê?”, há um esforço consciente dos que acreditam na democracia de compensar a perda pela multiplicação da força com que ela pautava a sua vida, em nome das causas nas quais acreditava. Também por isso, gritam em coro: “Marielle, presente. Hoje e sempre!”



Marielle durante uma campanha na Maré



PROJETOS DE LEI APRESENTADOS PELA VEREADORA MARIELLE FRANCO

- ✓ Cria o Programa de Desenvolvimento Cultural do funk tradicional carioca
- ✓ Institui a assistência técnica pública e gratuita para projeto e construção de habitação de interesse social para as famílias de baixa renda
- ✓ Cria o Dossiê Mulher Carioca na forma que especifica
- ✓ Institui o Programa de Efetivação das Medidas Socioeducativas em meio aberto no âmbito do município do Rio de Janeiro
- ✓ Estabelece prioridade para pagamento dos servidores ativos, inativos e pensionistas
- ✓ Dispõe sobre fixação de cartaz informativo nos serviços públicos do município do Rio de Janeiro
- ✓ Restringe o objeto de contratos de gestão celebrados entre o município do Rio de Janeiro e organizações sociais da área de saúde
- ✓ Cria a campanha permanente de Conscientização e Enfrentamento ao Assédio e Violência Sexual
- ✓ Inclui o Dia Municipal de Luta Contra o Encarceramento da Juventude Negra no calendário oficial da cidade
- ✓ Define ações de combate ao jogo, brincadeira ou evento denominado “baleia azul”
- ✓ Inclui o dia de Tereza de Benguela e da mulher negra no calendário oficial da cidade do Rio de Janeiro
- ✓ Inclui o Dia da Visibilidade Lésbica no calendário oficial do Rio
- ✓ Inclui o dia da luta contra a homofobia, lesbofobia, bifobia e transfobia
- ✓ “Lei do Espaço Coruja”, para uso de espaços de educação infantil, entre 17h e 23h, para que mulheres pudessem deixar seus filhos e estudar
- ✓ Institui o Programa de Atenção Humanizada ao aborto legal



PROJETO DE LEI APRESENTADO POR MARIELLE E APROVADO PELA CÂMARA DOS VEREADORES

- ✓ Projeto de lei das “Casas de Parto” em lugares com menor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)

Pantera Negra – a cor do sucesso

Comunidade negra mundial transformou o filme em campeão de bilheteria

JORGE MELO

O filme *Pantera Negra* é um sucesso mundial. No Brasil arrecadou, nos dois primeiros fins de semana, 60,4 milhões de reais, com 3,6 milhões de ingressos vendidos. Tem todos os ingredientes de um filme de super-herói e um vilão, que rouba a cena. A maioria dos atores e da mão de obra que trabalhou no filme é negra, cerca de 90%.

Pantera Negra conta a história de T'Challa, herdeiro do trono de Wakanda, país rico e desenvolvido, escondido numa montanha africana, que domina uma tecnologia avançada e produz o *vibranium*, um metal poderoso e muito valioso. Com medo de perder a paz, Wakanda vive isolado. T'Challa tem a missão de mantê-lo em isolamento. Mas tem um adversário à altura de um super-herói, Killmonger, que é seu primo.

Mulheres no comando

O Rio Grande do Sul tem uma das menores populações negras do País, 16,8%. Um estudo realizado em 2010 sobre desigualdades sociais no Brasil apresenta-

do pelo PNUD apontou que a população negra da Região Metropolitana de Porto Alegre teve um dos piores índices de desenvolvimento humano entre as 20 Regiões Metropolitanas do Brasil. **Carol Anchieta**, de 36 anos, é repórter e apresentadora do *Jornal do Almoço* da RBS, TV gaúcha afiliada à Rede Globo. Carol considera o filme uma vitória da mulher negra: “nós, mulheres negras, sofremos com as piores condições sociais, passamos a vida objetificadas, hipersexualizadas e nos vemos no filme como guerreiras e mentes participantes de uma revolução e foi isso que provocou lágrimas em rostos negros ao redor do mundo e fez mulheres negras gritarem nas salas de cinema.”

O super-herói que faltava

Segundo **Yuri de Carvalho Lobo**, “uma *onda* em torno de *Pantera Negra*, pelas redes sociais, começou antes mesmo do lançamento do filme”. Ele tem 25 anos, é produtor cultural, morador da Maré e lembra que “existia um público que não se sentia

representado no cinema, que queria ver personagens negros sem estereótipos ou em posições subalternas”. **Marcos Diniz**, ator e escritor, de 31 anos, também morador da Maré, e colecionador de gibis da Marvel, diz que percebeu a importância de o diretor ser negro, nos detalhes: “o personagem M'Baku, que nos quadrinhos é um homem vestido como gorila, no filme está bem diferente; essa imagem, no cinema, poderia ter uma conotação racista”. O diretor Ryan Coogler é considerado uma das revelações do cinema americano e por isso foi escolhido para dirigir *Pantera Negra*.

A Pantera Negra real

Pantera Negra é baseado em uma história da Marvel, que hoje é um estúdio de cinema do grupo Walter Disney. O personagem foi criado por Stan Lee, que já criou o Homem Aranha, O Incrível Hulk, entre outros. O primeiro número saiu em julho de 1966 nos Estados Unidos. Em outubro do mesmo ano, foi formalizado o partido Panteras Negras, Vanguarda da Revolução. Coincidência? Stan Lee garante que sim!

O rápido crescimento dos Panteras Negras e sua proposta radical de proteger a população negra, aproveitando a legislação americana que permite o porte de arma a qualquer cidadão, assustou o governo. O grupo foi duramente perseguido pelo FBI. Seus principais líderes foram presos ou mortos. Crimes foram forjados pela polícia contra eles. Para sobreviver, os Panteras Negras aderi-

ram ao assistencialismo, mas perderam o discurso ousado. Se autodissolveram em 1982.

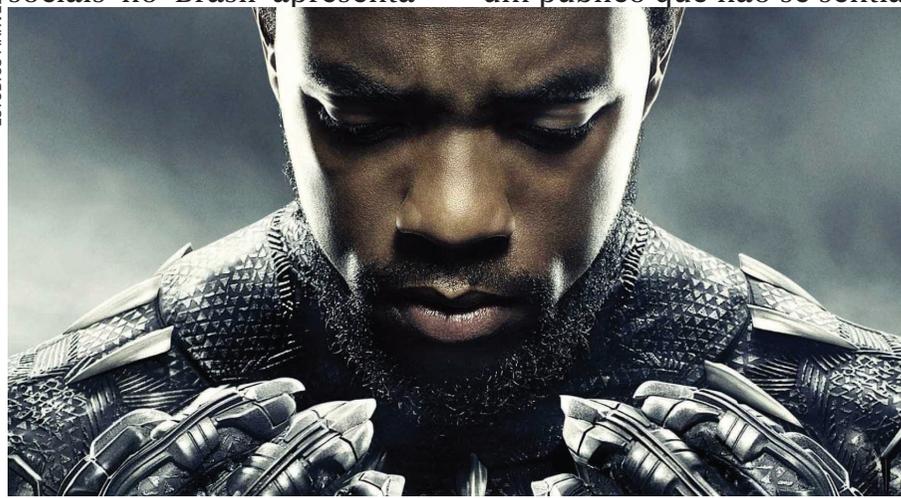
Panteras Negras além do movimento político

A filósofa Angela Davis foi integrante do Partido Pantera Negra. A valorização do homem e da mulher negros estava entre as principais propostas. A estética do *black power* influenciou jovens do mundo. Existia também a saudação - braço esquerdo erguido, punhos cerrados e luvas negras.

Nos jogos olímpicos do México, em 1968, dois atletas americanos, vencedores dos 200 metros, Tommie Smith, medalha de ouro; e John Carlos, medalha de bronze fizeram a saudação no pódio, enquanto era executado o Hino americano. O governo dos EUA usou toda a sua influência, mas o Comitê Olímpico manteve as medalhas dos atletas.

Segundo Yuri Carvalho Lobo, o filme segue um movimento mundial, de ocupação de espaço e empoderamento das comunidades negras, conhecido como *Afro-futurismo*, que trata também “do resgate da história dos negros e as formas de transmitir esses conhecimentos aos que virão.” *Pantera Negra* arrecadou apenas na primeira semana de exibição, ao redor do mundo, 520 milhões de dólares, quase dois bilhões de reais. Portanto, mais filmes do *Pantera Negra* poderão acontecer. O mercado de super-heróis negros se provou viável. E para Hollywood, isso é o que importa. Outros virão.

ESTÚDIOS MARVEL



O sucesso de *Pantera Negra* quebrou vários tabus da indústria cinematográfica

Ataque Poético! Abra seu coração

Jovens usam transportes públicos para levar poesia para quem “nem sabe o que é sarau”



PANM FERNANDES

© Panm Fernandes

Não importa o meio de transporte, os Poetas Favelados estão sempre em movimento

MARIA MORGANTI

Se você estiver no transporte público do Rio de Janeiro, seja ele ônibus, trem ou BRT e ouvir gritos de um grupo de jovens, não se assuste. Pode ser um: *Ataque - Poético - Poetas - Favelados - Abra seu coração*. Esse é o grito de “guerra/paz” com o qual o coletivo Poetas Favelados, fundado em janeiro de 2017, por **MC Martina** e **Al Neg**, inicia as suas apresentações.

A origem

Os dois são do Complexo do Alemão e “tornaram-se irmãos - de coração”, como diz Martina. Sentiam que tinham de criar alguma manifestação cultural na favela que fortalecesse a poesia e o *hip-hop*. Mas isso foi antes, quando, individualmente, seguiam suas correrias: produção de eventos, saraus e até um filme, “Somos Mais”,

produzido por MC Martina e lançado no ano passado. O encontro entre os dois foi decisivo, mas o *Poetas Favelados* nasceu quando Sabrina foi a São Paulo e conheceu os *Poetas Ambulantes*, coletivo que distribui poesia no transporte público na capital paulista. “Eu falei, *caraca*, era isso. Foi uma coisa muito bonita, eu nunca tinha visto isso aqui no Rio, nada daquela energia, daquela organização, daquela forma. E aí eu falei, ‘*mano*, eu tenho de levar isso para o Rio’. E aí eu voltei, falei com o meu *irmão* Al Neg: ‘ó, cara, vamos formar o coletivo, vamos fazer isso’. Aí ele, *bóra*” - relembra Martina.

Os ataques poéticos

O coletivo chegou a ter cerca de 15 integrantes, com gente de Petrópolis e da Baixada Fluminen-

se, batendo a marca de 50 *Ataques Poéticos* por mês. Primeiro no transporte público, depois em escolas estaduais, federais e municipais. “A gente entra no trem, no ônibus ou no BRT, olha pra ver se não tem nenhum camelô. Se não tiver, a gente recita. É *pá-pum*. Uma, duas, três poesias e passa o chapéu; porque toda vez que a porta abre e fecha, uma galera sai, outra galera entra, então é um público diferente”, - conta a idealizadora.

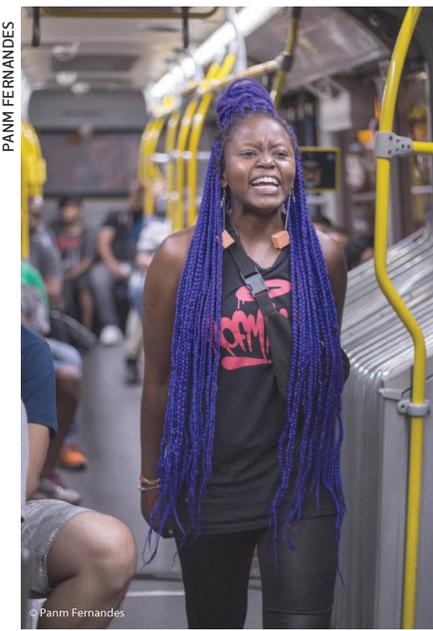
Passar o chapéu foi consequência da necessidade. “De início a gente não passava o chapéu, só começamos a fazer porque a gente não tinha dinheiro. Mas o nosso intuito principal, *mano*, é despertar o sorriso da galera, é passar a mensagem, é chamar a atenção do passageiro. Porque quando a gente vai no *buzão* e faz um *Ataque Poético*, a gente leva um sarau para uma galera que não tem acesso, para um público que não sabe nem o que é sarau”.

As reações são muito parecidas, segundo Martina, “primeiro as pessoas mantêm no rosto a *cara* de cansaço. Ao longo do ataque, dá até para ver um sorriso; os poetas recitam poesias próprias, além de homenagear nomes da literatura preta, periférica e marginal como Carolina Maria de Jesus, Sérgio Vaz, Conceição Evaristo e Elisa Lucinda. **Elisa Lucinda**

gosta e aprova: “eu adoro, combina muito com o meu propósito como artista, que é fazer a arte rodar, democratizar a poesia. E sendo jovens de favela, eu fico mais feliz por eles estarem tirando a poesia do lugar do intelectual para colocar na rua”.

A mudança

No início deste ano, o grupo passou por uma reformulação. Segundo Martina e Al Neg, “chegou um momento que a gente estava muito mais na pista que na favela, e esse foi um dos principais motivos pra gente pensar em reformular o coletivo”, afirmam. Os idealizadores dizem que esse processo também definirá o quê e como fazer daqui para a frente. “Depois pensamos no nosso principal objetivo, que é estar dentro das favelas, dentro das escolas e em algumas faculdades”, finaliza Al Neg.



PANM FERNANDES

© Panm Fernandes

MC Martina, idealizadora do Poetas Favelados

Espaço de referência sobre drogas chega à Maré!

RODRIGO BODÃO

POETA, DOUTOR EM PSICOLOGIA PELA UFRJ E ATUALMENTE COORDENA A ARTICULAÇÃO INSTITUCIONAL DA CASA NORMAL

Em abril de 2018, a Casa Normal - Espaço de Referência sobre Drogas abre na Maré. O trabalho é fruto de três anos de ações e pesquisas realizadas em áreas abertas de consumo de crack, álcool e outras drogas, especificamente na cena localizada na rua Flávia Farnese 500. Esse trabalho acontece, desde 2015, a partir da aproximação de pesquisadores, assistentes sociais, mediadores comunitários e educadores com a população de 100 frequentadores da cena. Desde então, o projeto se constituiu em torno de três frentes prioritárias de atuação: a produção de conhecimento sobre o contexto das drogas na Maré e os efeitos na vida cotidiana dos moradores; a criação de alternativas no campo da Redução de Danos para pessoas que usam crack, álcool e outras drogas na Maré; e a articulação institucional e territorial em torno de uma agenda local para acesso a direitos para enfrentamento das violências decorrentes da lógica imposta pelos grupos armados e pela atuação da polícia. O Espaço de Referência sobre Drogas na Maré surge como um ponto de convergência desses três eixos.

O intuito maior foi conhecer quem eram os frequentadores da cena da Flávia Farnese 500, entender como

se relacionavam entre eles, com os moradores da Maré e, também, com instituições do poder público e comunitárias. Além disso, procuramos mapear os serviços existentes para esse público e as reais possibilidades de atendimento às suas principais demandas. Foram pensadas possibilidades de trabalho comum e novas experiências que contribuíssem para a ampliação das vivências naquele espaço em particular, assim como novas práticas de cuidado.

Podemos apontar diversas formas de atuação direta nas cenas: a construção de um banheiro, que buscou garantir um mínimo de dignidade, higiene pessoal e cuidado para as pessoas que moram e frequentam a cena da Flávia Farnese; a realização de encontros fotográficos, sessões de cinema (Cineminha na Cena); a estruturação do Entre Fluxos, conjunto de atividades socio-culturais realizadas dentro e fora da Maré, com a oferta de oficinas e passeios, como forma de aproximação, criação de vínculos e confiança para circulação na cidade e a

criação do Fórum de Cuidado aos Usuários de Crack, Álcool e outras Drogas na Maré. Este espaço visa articular e potencializar as diversas ações realizadas no território para o cuidado e a proteção social de pessoas em situação de rua que usam drogas. Como decorrência desse espaço, tornou-se possível o surgimento do ATENDA - Espaço de Atendimento Integrado - iniciativa que reúne o conjunto de serviços públicos e organizações da sociedade civil, e consiste na realização semanal de oficinas socio-culturais, acompanhadas de ações específicas das equipes de Saúde e Assistência Social da Prefeitura do Rio, como forma de realizar um atendimento integrado e articulado aos frequen-

tadores das cenas existentes na Avenida Brasil, na altura da Passarela 10.

Com a criação da Casa Normal, cujo nome é uma homenagem a uma liderança local da cena da Flávia Farnese 500, morto no contexto dos enfrentamentos entre grupos armados, em janeiro de 2018, pretendemos produzir um espaço de referência, reflexão, formação, mediação, articulação institucional e convivência para pessoas

ELISÂNGELA LEITE



que usam drogas na Maré e arredores, na interação com profissionais, familiares e moradores de modo geral.

A Casa Normal ficará aberta, num primeiro momento, das 14h às 18h, de segunda a sexta-feira, com espaços para higiene pessoal e repouso, sala de livre acesso a computador, internet, livros e jogos e a realização de oficinas culturais, além de rodas de conversa sobre drogas e outros temas. Por lá também haverá atendimento sociojurídico e a oferta de um banco de horas com oportunidades de trabalho. Como bem disse o poeta: "De perto ninguém é normal". Mas acreditamos que é de perto que a gente pode se entender, avançar, caminhar e se desenvolver juntos e misturados!

“Acreditamos que é de perto que a gente pode se entender, avançar, caminhar e se desenvolver juntos e misturados!”

Surto de olhos vermelhos

Verão vai embora, mas cariocas ainda sofrem com a conjuntivite

HÉLIO EUCLIDES

“Quando olho no espelho, os meus olhos tão vermelhos, de tanto chorar, de tanto chorar”. Essa letra do pagode de Netinho de Paula reflete, em parte, o que passam muitos cariocas. Além da vermelhidão, os olhos ficam lacrimejantes, sensação de corpo estranho ou areia no olho, coceira e inchaço nas pálpebras. Quem arriscou conjuntivite, acertou. Segundo a Sociedade Brasileira de Oftalmologia, oficialmente não há dados, embora existam muitos casos, o que é comum depois de festas como o Carnaval, quando há muita aglomeração e pouco cuidado com a higiene.

Andando pelas ruas da Maré não é difícil encontrar pessoas que estejam com a doença. “A maioria dos atendimentos é de pacientes com conjuntivite. Percebemos que há um surto. O doente deve sempre procurar a unidade mais próxima de casa, para passar pelo atendimento médico. Depois recebe um informativo e orientações”, revela a agente de saúde do Centro Municipal de Saúde João Cândido, **Rosemere de Lima**.

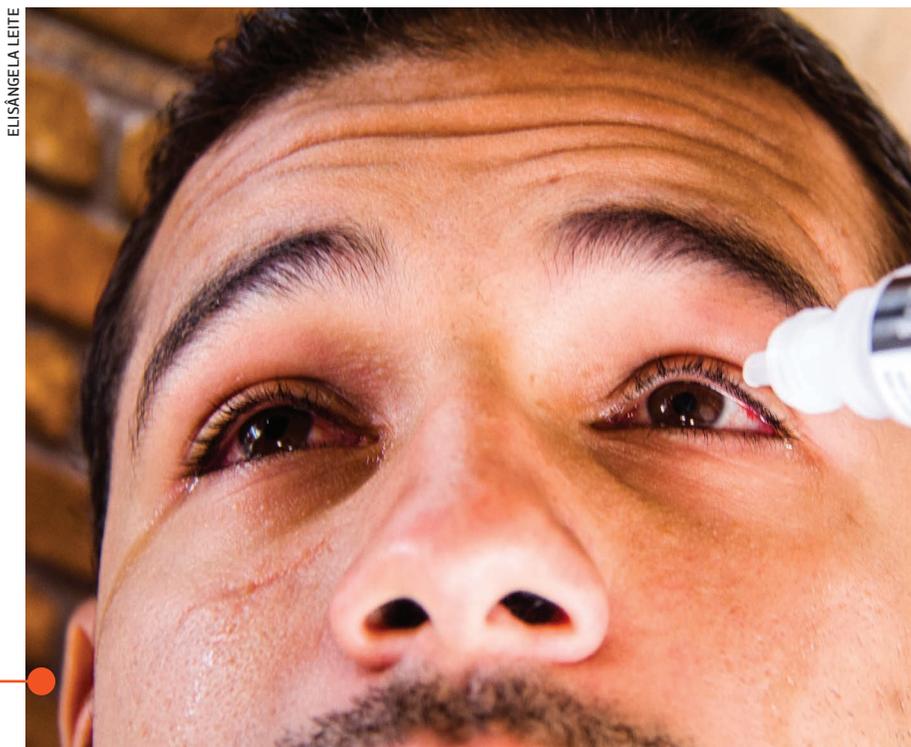
Como se proteger

Por ser altamente contagiosa, é comum a disseminação em núcleos familiares e ambientes de trabalho, entre outros. As medidas de controle incluem higiene das mãos, evitar tocar os olhos, desinfecção e individualização de objetos de uso pessoal, como maquiagem, toalhas, travesseiros e óculos.

Segundo informe da Secretaria Municipal de Saúde, há um momento de surto de conjuntivite constatado, pois estão sendo registrados casos em diferentes pontos da cidade, assim como em diversos outros municípios. Para atender a esse aumento de casos, comum nesta época do ano, a Secretaria fez alerta em toda a rede assistencial, atenção hospitalar e primária. A Secretaria informou que a doença não faz parte da Lista Nacional de Notificação Compulsória, o que dificulta a mensuração do número de casos.

Willian Nascimento é o segundo caso de conjuntivite na família. Ele diz que “incomoda muito e que os sintomas são ardência, coceira, e fica remelado”. Ele e sua esposa não foram ao médico. “Acho que peguei no vento. Começou do nada, e só percebi quando os olhos ficaram vermelhos. Aí fui na farmácia, comprei soro e gases”, conta **Isabel Brito**. No entanto, a recomendação dos especialistas é não se automedicar e procurar as clínicas da família ou os centros municipais de saúde.

O paciente contaminado deve ser afastado de suas atividades habituais, evitando a transmissão para outras pessoas. “O médico indicou quatro dias de repouso, pois estava com os olhos fechados, parecia que um bicho tinha me mordido. Começou com um olho e passou para o outro. Retornei ao trabalho, mas o chefe recomendou o meu retorno à unidade de saúde.



ELISÂNGELA LEITE

Sou operadora de caixa e há receio de contágio”, conta **Sabrina Dias**. Outro caso de afastamento de trabalho é de **Itamar Bonifácio**, funcionário de uma transportadora: “é complicado, começa com o olho ardendo, vermelhidão e vem o inchaço. Os sintomas aparecem rapidamente. O incômodo é ainda maior com a sensação de areia no olho. Para piorar, quando abaixo a cabeça dói”.

O que é conjuntivite

A conjuntivite é uma inflamação da conjuntiva, a fina membrana transparente que reveste a parte branca dos olhos e o interior das pálpebras. Pode ser causada por vírus, bactérias, fungos ou por reações alérgicas. É uma doença muito comum, principalmente nos meses de verão, pois a umidade e o calor favorecem a dissemi-

nação do vírus. O paciente também apresenta dificuldade de abrir os olhos e maior sensibilidade à claridade e, por isso, o uso de óculos escuros ajuda a diminuir o desconforto.

Percebemos que há um surto. O doente deve sempre procurar a unidade mais próxima de casa, para passar pelo atendimento médico. Depois recebe um informativo e orientações”

ROSEMERE DE LIMA
Agente de saúde no CMS João Cândido

CONJUNTO ESPERANÇA**Bar do Grande****Sextas** - DJ -19h**Sábados** - Baile *Funk* -23h**Domingo** - Roda de Samba 19h**Localização** - Rua Manoel Ribeiro Vasconcelos, 322**MORRO DO TIMBAU****Dogueria Resenha**

Há menos de um ano aberto como um *Food Truck* carioca, especializado em *hot dog* artesanal, já aparece como um dos espaços mais "bombados" do momento, com pelo menos três eventos semanais.

Quando - sextas, sábados e domingos**Horário** - a partir das 22h**Localização** - Avenida Guilherme Maxwel, 95**NOVA HOLANDA****Baile Funk da NH****Quando** - sábados**Horário** - a partir das 22h**Localização** - Rua Teixeira Ribeiro - alguns eventos acontecem no Campo da Paty**Pagofunk da BT**

Abre a semana de eventos na Nova Holanda, e acontece na rua que dá nome à festa.

Quando - quintas**Horário** - a partir das 22h**Localização** - Rua Bitencourt Sampaio**Nova hip hop**

Espaço para amantes do *hip hop* com DJ convidados e grafite e *street dance*

Quando - domingos**Horário** - das 16h à meia-noite**Localização** - Campo da Paty**CAM: Centro de Artes da Maré**

RUA BITENCOURT SAMPAIO, Nº 181, NOVA HOLANDA, MARÉ
TELEFONE: (21) 3105-7265
[facebook.com/centrodeartedamare](https://www.facebook.com/centrodeartedamare)

06 a 27/04 (sextas-feiras)

Oficina de Percussão

Horário - 18h às 20h

Público adulto

06 e 07/04 (sexta e sábado)

Encontro territorial sobre política de drogas, violência e saúde

Horário - 13h às 18h**20/04 (sexta-feira)**

Slam e Roda Rima

Horário - 20h**27/04 (sexta-feira)**

Cine Conceição - Mostra Fala Favela

Horário - 20h**TODA PROGRAMAÇÃO É GRATUITA****NOVA MARÉ****Lona Cultural Municipal****Herbert Vianna**

RUA IVANILDO ALVES, S/Nº, NOVA MARÉ

TELEFONE: (21) 3105-6815

[facebook.com/lonaculturaldamare](https://www.facebook.com/lonaculturaldamare)**06 a 27/04 (sextas-feiras)**

Oficina de Percussão

Horário - 15h30 às 17h30

Público infantil

07 a 28/04 (sábados)

Oficina de Stilleto (Maré Sobre Salto)

Horário - 11h às 13h

A partir de 14 anos

13/04 (sexta-feira)

Favela Rock Show

Horário - 21h

Na Lona ou na Praça da Nova Holanda

Projeto Nenhum a Menos:

Segunda a sexta - 15h às 18h

- Complementação Pedagógica

- Iniciação Musical

- Letramento

- Iniciação Musical e Complementação Pedagógica

- Robótica

- Contação de histórias

Faixa etária 8 a 12 anos

Cine Clube Rabiola

Acontece **todas as quintas-feiras** do mês**TODA PROGRAMAÇÃO É GRATUITA****PARQUE MARÉ****Baile Charme da Teixeira****Quando** - domingos**Horário** - a partir das 20h**Localização** - Rua Teixeira Ribeiro 563 - na calçada da Loteria**PARQUE UNIÃO****Baile Funk do PU****Quando** - sextas**Horário** - a partir das 23h**Localização** - Rua Ari Leão**Roda Cultural do Parque União**

Hip hop, trazendo sempre atrações musicais e batalhas de MCs.

Quando - sextas**Horário** - 18h**Localização** - Rampa de Skate, no final da Rua Ari Leão**Baile Retrô**Baile *funk* da antiga e charme.**Quando** - domingo**Horário** - a partir das 23h**Localização** - Rua Roberto da Silveira**Fim de Tarde do Fundamental**

Esse evento conta com o grupo de pagode "Fundamenta" composto por moradores da Maré fechando toda a rua.

Quando - domingo**Horário** - a partir das 18h**Localização** - Rua Roberto Silveira (toda a rua)**Praça do Parque União**

O forró da Praça é um evento consagrado e que já trouxe grandes bandas para o local, com o apoio principalmente dos comerciantes do entorno.

Quando - domingos**Horário** - a partir das 22h**Localização** - após a Passarela 10, antes da entrada da Ilha**Rodriguinho - Baile do Parque União****Quando** - 13/04**Horário** - a partir das 22h**Localização** - CIEP do Parque União**BBBar**

Tradicional Pagofunk já famoso na Maré e fora dela.

Quando - sábados**Horário** - a partir das 22h**Localização** - Rua Larga**PRAIA DE RAMOS****Pagode do Litão**Pagofunk sempre com uma atração do *funk* e do pagode.**Quando** - sextas**Horário** - a partir das 23h**Localização** - Piscinão de Ramos - Passarela 13**SALSA E MERENGUE****Pagode da C11**

Um dos eventos mais tradicionais de *funk* e pagode da Maré.

Quando - sextas e domingos**Horário** - a partir das 22h**Localização** - Via C11**VILA DO JOÃO****Baile da VJ****Quando** - sábados**Horário** - a partir das 23h**Localização** - Rua Quatorze e alguns eventos especiais na Quadra da Vila do João**Estrela da Vila**

Barzinho com boa música ao vivo

Quando - quinta a domingo**Horário** - 20h**Localização** - Rua Quatorze, 322**VILA DOS PINHEIROS****Tabacaria Dread Locks**

Shows de bandas do cenário alternativo do *rock*, *reggae*, *rap* e eletrônico. O local tem frequentadores assíduos que colocam músicas para tocar a noite toda, numa *playlist* colaborativa.

Quando - sextas e sábados**Horário** - a partir das 20h**Localização** - Via B9 - em frente ao bloco 1**Espaço Cultural Pontilhão 14/04 (sábado)**

Samba Pontilhão

Horário - 18h**Primeiro Samba Feijoada do Pontilhão****21/04 (sábado)**

Pré-São Jorge

Horário - 14h**Projeto Cultural Abraço das Favelas****De 24 a 28/04 (terça a sábado)**

Faculdade de Letras da UFRJ - Av. Horácio Macedo, 2151

Horário - 16h

Marcílio Dias é Maré. Mas por que a questão?

Comunidade sofre por indefinição de órgãos públicos, o que gera muita confusão

HÉLIO EUCLIDES

Quem não conhece Marcílio Dias pode estar se perguntando onde fica. A localização exata é após a Casa dos Marinheiros, na passarela 16, seguindo pela rua que fica entre a fábrica da Kelson's e o Ambulatório Naval, na altura do número 10.946 da Avenida Brasil. Uma pergunta que incomoda os residentes: o local se chama Marcílio Dias e, não, Kelson's.

O Conjunto Marcílio Dias foi a terceira comunidade da Maré a se constituir, em 1948, quando surgiram os primeiros barracos. Marcílio Dias está a, aproximadamente, 2.300m da Praia de Ramos e entre esses dois territórios existe um conjunto de unidades pertencentes à Marinha do Brasil. O Censo Demográfico de Empreendimentos Maré, de 2013, contou em Marcílio Dias 6.219 moradores, residindo em 1.768 domicílios.

Empurra-empurra

A confusão começa com a criação da XXX Região Administrativa – ou, simplesmente, RA-Maré – por meio do Decreto 6.011, de 04/08/1986 e sua delimitação feita pelo Decreto 7.980, de 12/08/1988. Alguns anos depois, por meio da Lei Municipal nº 2.119, de 19/01/1994, é criado o Bairro Maré, correspondente a toda a extensão da XXX RA. Apesar da história muito parecida com a Maré, com barracos, palafitas e proximidade com a Baía de Guanabara, Marcílio Dias vive o equívoco dos órgãos públicos. “É uma confusão. É a Ceda Maré que trata da comunidade, já a Comlurb é da Penha. Na questão de Região Administrativa, cada uma empurra com a barriga. A da Maré não nos atende, e a da Penha também não”, reclama **Jupira**

dos Santos, presidente da Associação de Moradores de Marcílio Dias. A moradora **Ilda Lourdes da Silva** critica o descaso. “O bairro é Penha Circular, mas já tinha ouvido falar dessa divisão com a Maré, isso é uma bagunça. O problema é que os órgãos só fazem as coisas próximo da entrada da comunidade. Resido aqui há 18 anos, e pelo descaso hoje desgostei de morar aqui”, desabafa.

“Quando caiu a passarela na Avenida Brasil, procuramos a RA da Penha, e só dessa vez nos atendeu. O nosso problema é que tudo é fatiado politicamente, e Marcílio Dias não está nos holofotes”, expõe **Luciano Aragão**, vice-presidente da Associação de Moradores de Marcílio Dias. A comunidade almeja um sinal de trânsito na saída de Marcílio Dias, pois muitas crianças das escolas estudam fora da comunidade. “Mas pedir a quem? Para a comunidade é ruim, pois fica no meio de dois órgãos municipais”, diz Luciano Aragão. **Vilmar Gomes**, o Magá, afirma que Marcílio Dias é Maré. Eles já participam de nosso Coletivo Maré Que Queremos, essa história de Penha Circular é péssima”, conclui.

Carlos Alberto, sapateiro desde 1976, hoje com 57 anos, escolheu a comunidade como moradia por ser como uma cidade pequena, sem barulho de carros e todos se conhecerem. Ele relembra o passado. “Aqui ficou conhecido muito tempo como Maré, na época dos barracos e palafitas. Depois veio a construção e o nome de Marcílio Dias, e o bairro como Penha Circular. Em 1975, vim de Sergipe com meus pais, o local era mangue, próximo à fábrica, por isso que as pessoas chamavam o espaço de Kelson's”, lembra.



Marcílio Dias foi a terceira comunidade a se constituir

A era Kelson's

Na década de 1940, a fábrica Kelson's se inicia com produção de bolsas, malas e sacolas numa área da localidade. Em 1985, a fábrica não resistiu à crise e à decadência da região. Hoje o prédio administrativo da Kelson's, à beira da Avenida Brasil, é ocupado por uma megaloja do Shopping Matriz.

Enivaldo de Lima, de 75 anos, sendo 50 morando em Marcílio Dias, trabalhou na fábrica Kelson's. “Na época, a comunidade era tudo água, depois aterraram e veio o loteamento, pela Caixa Econômica. Tenho saudade dessa época, de um tempo de muitas amizades e união”, recorda.

“Moro aqui há dois anos, na Rua do Alpiste. Falo que sou da Kelson's, mas dizem que não é”, afirma a moradora **Sônia Maria dos Reis**. Mas a Associação de Moradores não aceita essa divisão. “Para sair na mídia falando mal, chamam de Kelson's, nome da fábrica. O certo é Conjunto Residencial Marcílio Dias”, exalta Luciano Aragão.

A caminho do grupo especial

Boca de Siri fica em 2º lugar e sobe de categoria

Escola de samba verde e branco da comunidade de Roquete Pinto está em festa. O Boca conquistou 268,9 pontos ficando a um décimo da campeã, União de Maricá. “Estou feliz da vida com essa grande participação no carnaval deste ano. Entramos para ganhar, mas não deu para chegar, já que os jurados entenderam assim, e perdemos um décimo no quesito bateria. Mas

tudo bem, o importante é a subida de categoria, com a união de todos”, resume o diretor de carnaval **Jorge Luís Costa Azevedo**.

O presidente **Edivaldo Pereira**, o *Vadão*, já pensa no carnaval de 2019. “Estou feliz com o trabalho perfeito feito pelos diretores e componentes. Foi um grande esforço, pois tudo foi difícil, especialmente com pouco dinheiro. Nosso planejamento é neste pró-

ximo ano segurar o posto do Grupo B e, em 2020, brigar para subir para outra categoria, seguindo para a Sapucaí”, enfatiza.

Nem tudo são flores

A notícia triste veio por conta da Escola de Samba Gato de Bonsucesso, que desfilou no Grupo E, ficou em penúltimo lugar e não desfilará nesse período.

ACOMPANHE O TRABALHO DA SUA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES

MARCÍLIO DIAS

Telefone: 2584-4534 e 2584-4527
Presidente: Jupira dos Santos

A Associação reivindicou na Superintendência Regional o término do asfalto da Rua Dom Eugênio Sales, a colocação de quebra-molas e sinalização, prometidos durante a visita do prefeito Marcelo Crivella. A Associação informa que o projeto de Supletivo, dentro da Associação, deve começar em abril. A Associação cobrou da Região Administrativa da Penha a desratização de ruas e vielas da comunidade.

PRAIA DE RAMOS E ROQUETE PINTO

Telefone: 3104-5069
Presidente: Cristiano Anselmo

A Associação informa que a Prefeitura cedeu o antigo espaço da Lona Cultural, na Praia de Ramos, para a Liga a Internacional de Baseball. Em um mês devem começar as obras para a construção de um campo oficial. A construção do campo faz parte de um projeto de escola de baseball para as crianças da comunidade. Esse será um dos primeiros campos oficiais desse esporte no Rio de Janeiro.

NOVA HOLANDA

Telefone: 3105-7148
Presidente: Gilmar Gomes

A Associação informa que foram retomadas as obras na Rua da Conquista. E a Rua que fica ao lado do terreno da Comlurb foi asfaltada. Também foram trocadas lâmpadas queimadas em diversas ruas. A Associação pede, mais uma vez, que os moradores respeitem o dia da coleta de lixo e não joguem lixo no beco. Atenção: a Associação está disponibilizando, para os moradores, veneno de rato.

PARQUE UNIÃO

Telefone: 3882-5510 e 3881-9783
Presidente: Deraldo (Edinaldo dos Santos)

A Associação convida crianças que praticam ou querem praticar esportes, como *jiu-jitsu*, capoeira e boxe. Compareça à Associação e faça parte dessa equipe. Professor de *jiu-jitsu*, Douglas Gentil; professor de boxe, Ley; professor de capoeira, Curujito.

CONJUNTO ESPERANÇA

Telefone: 3104-7407
Presidente: Pedro dos Santos

A Associação informa que a Secretaria de Esporte e Lazer renovou, por mais um ano, o Projeto de Lutas José Aldo. As aulas são às segundas e sextas, das 15h às 17h. Estão inscritas 600 crianças.

RUBENS VAZ

Telefone: 3105-7146 e 3104-5388
Presidente: Magá (Vilmar Gomes)

Atenção moradores do Parque Rubens Vaz, Rua João Araújo, Rua Massaranduba, Rua Nova e Rua do Canal: a Associação pede que depositem o lixo, para coleta, apenas na parte da manhã, quando passam o caminhão e o tratorzinho. Não depositem lixo na rua depois da passagem do caminhão.

PARQUE MARÉ

Telefone: 3105-6930 e 3881-6182
Presidente: Vavá

Café da manhã comunitário todos os dias, na Associação. Dia 02/04 terá atendimento para exames de vista e no dia 13/04 para regularização de documentos, como identidade, CPF, carteira de habilitação.

NOVA MARÉ

Telefone: 2270-1274
Presidente: Alexandre Ribeiro

Embora enfrente dificuldades nos contatos com a Cedae, a Associação conseguiu a troca das tampas de esgoto. Uma das intenções da Associação é realizar ações sociais e, para tanto, está em busca de recursos.

CONJUNTO PINHEIRO

Presidente: Eunice Cunha

A Associação informa que as caçambas de lixo antigas foram trocadas. Atendimentos de Fisioterapia estão disponíveis às terças e quintas, das 8h às 11h. E das 11h às 14h. Assistente Social, quartas e sextas, das 9h às 12h. Advogado, às sextas, das 11h às 13h. Mais informações: 3104-7183

PARQUE ECOLÓGICO

Telefone: 3104-8950 e 3109-2576
Presidente: Cláudia Santana

A Associação está desenvolvendo um projeto de Horta Doméstica, em parceria com o Instituto Inverpar, e fazendo a limpeza e a poda das árvores. A Associação informa também que o projeto Hortas Cariocas está funcionando com duas pessoas, responsáveis pela manutenção.

VILA DO JOÃO

Telefone: 3109-3143
Presidente: Índio (Valtemir Messias)

A Associação está empenhada em melhorar a circulação nas ruas e, para isso, está iniciando um Choque de Ordem. Para começar, pede que os moradores e comerciantes deixem as ruas livres, sem eletrodomésticos antigos abandonados e entulho. A Associação pede também a retirada dos cones que guardam vagas para os carros; e a compreensão de motoristas e motociclistas para que não estacionem em locais inadequados ou fechem a passagem das garagens. A Associação pede ainda que os moradores da Avenida do Canal, 1 e 2, não joguem lixo no valão.

MORRO DO TIMBAU

Presidente: Caco (Glaucio dos Santos)

A Associação de Moradores fica na Rua dos Caetés, 131. Atendimento ao público de segunda a sexta, das 9h às 17h.

BAIXA DO SAPATEIRO

Telefone: 2290-1092
Presidente: Charles Gonçalves

A Associação informa que a Light trocou os transformadores e braçadeiras.

VILA DO PINHEIRO / SALSA E MERENGUE

A associação de Moradores da Vila do Pinheiro fica na Via A1, nº 135. Atendimento ao público de segunda a sexta, das 9h às 17h.

CONJUNTO BENTO RIBEIRO DANTAS

Endereço da Associação: Av. Bento Ribeiro Dantas, s/nº.